

EDUCAÇÃO MUSEAL NA PERSPECTIVA AFRO-BRASILEIRA, SOB AS BÊNÇÃOS DOS ORIXÁS

MUSEUM EDUCATION FROM AN AFRO-BRAZILIAN PERSPECTIVE, BLESSED BY THE ORIXÁS

Vania Brayner¹

Marialda Jovita Silveira²

Marileide Alves de Lima³

¹ Resumo do Currículo: coordenadora em Museologia Social dos museus apresentados neste artigo. PhD em Museologia (ULHT), mestra em Antropologia (UFPE) e especialista em Economia da Cultura (UFRGS). Consultora UNESCO no projeto Ilha Museu (SP). Professora convidada da Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona (ULHT), em Lisboa; pesquisadora associada, Cátedra UNESCO/ULHT “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” e Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade Nepe/UFPE. E-mail: vaniabrayner2012@gmail.com. Brif Resume: *Coordinator in Social Museology for the museums featured in this article. PhD in Museology (ULHT), Master's degree in Anthropology (UFPE), and Specialist in Cultural Economics (UFRGS). UNESCO consultant for the Ilha Museu project (São Paulo). Guest professor in the Graduate Program in Museology at Universidade Lusófona (ULHT), Lisbon; associate researcher at the UNESCO Chair/ULHT “Education, Citizenship and Cultural Diversity” and at the Center for Studies and Research on Ethnicity (NEPE/UFPE).*

² Resumo do Currículo: coordenadora de projetos educativos e socioculturais do Museu Ilê Lailai Ignez Mejigã, escritora e Ekédi do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, em Itabuba (BA). Professora do Departamento de Letras e Artes da UESC (BA) e membra fundadora do Kàwé – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais. Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela FESPI/UESC; mestre em Educação (UFBA/UESC), Diploma em Estudos Avançados em Linguística (Universidade de Alcalá de Henares, Madri (ES). E-mail: marialdasilveira@yahoo.es. Brif Resume: *Coordinator of educational and sociocultural projects at the Ilê Lailai Ignez Mejigã Museum; writer and Ekédi of Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, in Itabuna, Bahia. Professor in the Department of Languages and Arts at UESC (Bahia) and founding member of Kàwé – Center for Regional Afro-Bahian Studies. Holds a Bachelor's degree in Languages (Portuguese/English) from FESPI/UESC; a Master's degree in Education (UFBA/UESC); and a Diploma in Advanced Studies in Linguistics from the University of Alcalá de Henares, Madrid, Spain.*

³ Resumo do Currículo: jornalista, escritora, produtora cultural e presidenta do Centro de Arte e Cultura Grupo Bongar – Guitinho da Xambá, Ponto de Memória/IBRAM, do qual é fundadora e produtora cultural. Formada em Gastronomia pelo SENAI; em Relações Públicas, Jornalismo e pós-graduada em Jornalismo Cultural (Unicap-PE). Pesquisadora e autora dos livros «Nação Xambá do Terreiro aos Palcos» e «Povo Xambá Resiste – 80 anos da Repressão aos Terreiros de Pernambuco». E-mail: mari.marileide@gmail.com. Brif Resume: *Journalist, writer, cultural producer, and president of the Art and Culture Center Grupo Bongar – Guitinho da Xambá, a Point of Memory/IBRAM, of which she is the founder and cultural producer. She holds a degree in Gastronomy from SENAI; degrees in Public Relations and Journalism; and a postgraduate degree in Cultural Journalism (UNICAP-PE). She is a researcher and*

Resumo: O presente artigo narra as discussões em torno dos marcos conceituais contidos nos planos de educação museal das instituições de base comunitária, Museu Guitinho da Xambá e o museu territorial Ilê Lailai Ignez Mejigã, nascidos em territórios diversos e criados por diferentes motivos. Localizados em Pernambuco e na Bahia, ambos são Pontos de Memória premiados pelo Edital 2023. O fio que entrelaça as memórias coletivas desses museus são os princípios filosóficos e religiosos do candomblé e a luta contra o preconceito e o racismo, especialmente o religioso. O artigo faz uma breve apresentação sobre esses museus e suas comunidades e, principalmente, sobre as bases conceituais que assentam os processos teórico-metodológicos adotados em seus programas de educação museal. Traz ainda como resultado dessas discussões, um resumo de cada plano de educação museal gestado até agora. Porém, os seus agentes ainda não os consideram planos fechados, ao contrário, são caminhos abertos, experimentais e participativos, o que permitem o pleno exercício de processos sociomuseológicos ecossistêmicos. Além do instituído no campo da museologia, esses museus trabalham com processos complexos de envolvimento com a comunidade e de inclusão de múltiplos saberes.

Palavras-chave: Museu; Educação Museal; Povos de Terreiro; Descolonização; Candomblé.

Abstract: *This the discussions surrounding the conceptual frameworks contained within the museum education plans of two community-based institutions: the Guitinho da Xambá Museum and the Ilê Lailai Ignez Mejigã Museum. These museums originated in different territories and were created for different reasons. Both are located in Pernambuco and Bahia and were awarded Memory Points by IBRAM in 20223. These museums are connected by the philosophical and religious principles of candomblé, and by their fight against prejudice and racism, particularly religiously motivated. This article provides an overview of these museums and their communities, and, above all, of the conceptual foundations that underpin the theoretical and methodological processes adopted in their museum education programs. As a result of these discussions, it also presents a summary of each museum education plan developed to date. However, these plans are not yet considered to be definitive by the cultural agents involved in these museums; rather, they are open, experimental and participatory processes that allow for the full exercise of socio-museological ecosystemic activities. These museums go beyond what is established in the field of museology by working with complex processes of community involvement and the inclusion of multiple forms of knowledge.*

Keywords: *Museum; Museum Education; Terreiro Peoples; Decolonisation; Candomblé.*

1. INTRODUÇÃO

Embora ainda não reconhecida nas políticas públicas do Estado brasileiro, a consolidação da museologia social ocorreu principalmente a partir dos Pontos de Memória, uma política cultural governamental, iniciada nos primeiros governos do Presidente Luís Inácio Lula

the author of the books Nação Xambá: From the Terreiro to the Stage and The Xambá People Resist – 80 Years of the Repression of Terreiros in Pernambuco.

da Silva; descontinuada após o golpe jurídico-parlamentar em 2016; e retomada com menor peso no terceiro mandato do Governo petista. A política nacional dos Pontos de Memória valoriza as memórias coletivas e tem reconhecido a potência das comunidades tradicionais na salvaguarda de patrimônios culturais e na produção de conhecimento situado. Esse conhecimento reconhece que todo saber é inseparável do contexto social, cultural e material em que é gerado, e desafia a noção de verdades universais e objetivas. Essa abordagem defende a consideração da contextualidade do conhecimento, a qual valoriza a experiência de quem o produz, rejeita a neutralidade e promove o engajamento social.

Nesse contexto, dois museus de base comunitária – o Museu Guitinho da Xambá, em Olinda (PE); e o museu territorial Ilê Lailai Ignez Mejigã, em Itabuna (BA) – ambos premiados pelo Edital Pontos de Memória 2023 –, vêm estruturando os seus planos de educação museal que colocam as suas comunidades no centro das suas práticas educativas. Eles reafirmam a centralidade das suas ideias e práticas na ancestralidade africana, na religiosidade de matriz afro-brasileira e na resistência comunitária contra o racismo e a intolerância religiosa. Ambos elaboraram documentos que definem bases conceituais e metodológicas que reafirmam a função social dos museus comunitários como instrumentos de resistência, de luta por direitos e de fomento às memórias rebeldes que se insurgiram nos processos históricos de luta por liberdade, identidade e cidadania. Este artigo apresentará um resumo desses planos de educação museal e analisará os seus marcos conceituais, evidenciando como cada comunidade mobiliza saberes, memórias e práticas culturais, para projetar metodologias de aprendizagem antirracista, intergeracional e coletiva.

Os princípios filosóficos e religiosos do candomblé e a luta contra o preconceito e o racismo, especialmente o religioso, são fios que entrelaçam as memórias coletivas desses museus e que dão “vida à memória”, como afirma o babalorixá do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, na Bahia, Ajalá Deré ou Professor Ruy do Carmo Póvoas, ao responder à indagação se, mesmo sem um espaço específico dentro do Terreiro para exposição de objetos museológicos, já poderíamos considerar o Ijexá um museu vivo, um lugar que representa a vida em seu contínuo fazer-se.-Segundo Póvoas,

os espaços de terreiro, principalmente terreiros que conseguiram na sua trajetória se instalar em um sítio geográfico que lhe permita uma amplitude maior no viver e no fazer da religião afrodessendente, eu considero esse tipo de terreiro um verdadeiro museu vivo. Só que, ao invés da memória se reportar apenas ao que os outros fizeram, seria uma comunidade assim: “vejam aqui o que nós fazemos com a memória que nós herdamos” [...] cotidianamente atualizando essa memória. Ao invés dela estar acantonada e

configurada em determinados objetos que nós herdamos do passado, nós pegamos esta memória e a atualizamos no presente. Então constantemente a gente está dando vida à memória, e não congelando. Nós estamos dando vida à memória nos momentos dos nossos encontros, da nossa ritualística, da celebração dos nossos rituais (Póvoas, comunicação pessoal, 2016).

Podemos perceber essa mesma cosmovisão afro-brasileira na fala do líder do Grupo Bongar e criador do Centro de Arte e Cultura Grupo Bongar, Cleyton José da Silva (1982-2021) ou Guitinho da Xambá, nascido no Quilombo Urbano do Portão do Gelo da Nação Xambá, em Olinda. Em sua monografia no campo das Ciências Sociais, o músico pernambucano afirma que, ao passar para o plano espiritual, um indivíduo do candomblé poderá manter-se em interatividade com o plano material da vida, desde que os “seus descendentes continuem mantendo-o vivo” (da Silva, 2016), seja por meio de diversos ritos religiosos ou de ações memorialísticas. Ele ilustra a sua fala com os exemplos da comunidade Xambá que mantém a memória viva da emblemática Yalorixá, Severina Paraíso da Silva ou Mãe Bui, por meio do ritual da obrigação de Balé, realizado todo dia 27 de janeiro (data de sua passagem ao plano espiritual); da criação do Memorial Severina Paraíso da Silva – Mãe Bui, em 2002; e, principalmente, da continuidade da Festa do Coco de Mãe Bui, no dia 29 de junho, quando se comemora o seu aniversário de nascimento. Por meio desse envolvimento da memória com a vida da comunidade, “o Povo Xambá conseguiu eternizar Mãe Bui”:

a memória não deve ser entendida como um fazer individual, mas, sim, fruto de um exercício coletivo que, com o passar do tempo, pode transformar o presente e conduzir para o futuro fatores que podem direcionar toda uma comunidade ou indivíduo, para assumir obrigações que podem vir a se tornar memoráveis. Também fazendo-nos perceber o quanto a memória pode vir a se tornar um dos instrumentos sociais mais poderosos para a manutenção das tradições de um povo e para a sua afirmação social (da Silva, 2016, p. 42).

Ao analisar a Festa do Coco de Mãe Bui, Guitinho também apontou o papel importante das gerações xambazeiras, contemporâneas e futuras, na condução dessa memória coletiva, para a manutenção da comunidade. Da Silva diz que, só assim, essa memória coletiva torna-se “em um determinado momento de sua história, potencializadora de novos atores sociais e ferramentas capazes de protagonizar as novas gerações do Terreiro, que fazem desse elemento uma ferramenta litúrgica, política e artística” (da Silva, 2016, p. 42). Para ele, só esse ciclo vital garante a sua tradição e a manutenção da memória dos seus antepassados, onde a festa tem papel fundamental.

2. MUSEU GUITINHO DA XAMBÁ (PE)

A comunidade Xambá, com forte tradição musical e religiosa, tem como ícones duas mulheres, Mãe Biu e Maria Oyá, que preservaram e conduziram aos dias atuais, as raízes da tradição Xambá, Nação de candomblé única no Brasil. Aliado às suas cosmologias e liturgias afro-religiosas, a Nação Xambá construiu um legado de práticas culturais comunitárias de forte impacto nas culturas populares pernambucanas, sejam tradicionais, como a música e a dança do coco, o Boi Quebra Coco e as festas populares do terreiro; sejam contemporâneas, como o Grupo Bongar e o seu centro cultural, conquistado pela juventude xambazeira, em 2015. Esse último, desenvolveu projetos ligados à memória e à música, como o Museu Guitinho da Xambá, diversos grupos musicais da comunidade e o Bongarbit, que desenvolve versões digitais dos instrumentos tradicionais do coco.

O Museu Guitinho da Xambá nasceu no seio do emblemático Quilombo Urbano do Portão do Gelo, em Olinda, a partir da atuação do Centro de Arte e Cultura Grupo Bongar, após a passagem ao plano espiritual do seu fundador e presidente. O Museu irá contar a história do jovem preto, pobre, sonhador e lutador, que em 2001 criou o Grupo Bongar, com a ambição de levar a música genuína da sua comunidade pelo mundo, mas sem perder a ligação com o lugar onde nasceu e criou raízes. “O meu terreiro é o umbigo do mundo”, dizia o filho de Ogum, um Orixá que representa a coragem, a guerra, a tecnologia, a metalurgia, o trabalho árduo, o ferro, a caça, a força e também os caminhos.

O Centro de Arte e Cultura Grupo Bongar – Guitinho da Xambá (CAC – Bongar) é um Ponto de Cultura e um Ponto de Memória premiado pelo Ibram em 2023, que preserva diversas tradições populares e religiosas dos povos de Terreiro, mas também constitui-se um berçário de inovações das juventudes xambazeiras em suas múltiplas linguagens artístico-culturais, em especial a música. Além de promover um diálogo constante e saudável entre a necessária preservação das raízes culturais da comunidade, como fonte de afirmação da identidade xambazeira, o CAC Bongar também atua para estimular o uso de ferramentas sociais e tecnológicas, que permitam à comunidade avançar em seus direitos sociais e culturais.

A música (toques, cantos), a dança (o coco), a gastronomia (popular e religiosa); as inúmeras manifestações/expressões culturais do Quilombo da Nação Xambá (Coco de Mãe Biu, Grupo Bongar, Boi Quebra Coco); suas instituições culturais (Instituto Tia Luiza/Memorial

Severina Paraíso e CAC Bongar); seus títulos e prêmios aliados à história de resistência e de lutas contra a violência estatal e contra as diversas formas de racismo na sociedade brasileira, compõem “a arca do tesouro da Xambá”, como afirma o babalorixá do Terreiro Xambá, Adeildo Paraíso Ivo de Xambá da Silva. É com esse patrimônio cultural de base comunitária, que o Giras da Memória – Programa Educativo Sociocultural do Museu Guitinho da Xambá pretende trabalhar.

3. Marco conceitual

Por sermos herdeiros de uma tradição milenar e termos tantos costumes africanos em nosso cotidiano, não compreendo nem utilizo as palavras morte e falecimento, no sentido de fim da vida, pois o Axexé de um indivíduo do candomblé significa o deslocamento do ser para outro plano, dando continuidade à vida através do espiritual de forma interativa com o universo carnal; com isso, mantendo a memória do indivíduo desencarnado, por meio de ritos religiosos festivos ou não; sendo isso, algo fundamental também para a continuidade da comunidade.

Guitinho da Xambá (1982-2021)

Ao discorrer sobre a memória viva de Mãe Biu em sua monografia, Guitinho nos fala sobre a morte a partir da perspectiva do candomblé. Para ele, o visível e o invisível interagem nas lembranças cotidianas das suas tradições, constituindo-se numa memória viva potente, capaz de gerar mais vida comunitária. A sua fala fortalece a opção do Giras da Memória – Programa Educativo Sociocultural do Museu Guitinho da Xambá pela afrocentralidade, na perspectiva da Educação Antirracista, que permita aos seus participantes a compreensão do mundo sob outras perspectivas.

O Programa tem suas bases conceituais fincadas nos fundamentos de uma das filosofias africanas, a Filosofia Ubuntu e o seu significado essencial de humanidade para todos, que só será possível coletivamente, pela humanidade dos outros. Ubuntu enfatiza princípios de solidariedade, interdependência, coletividade, bem-estar comum (ou bem viver), empatia e, fundamentalmente, ancestralidade, o que está em total sintonia com os princípios que regem as comunidades tradicionais afro-brasileiras, como a Xambá. Os processos teórico-metodológicos adotados no Programa têm como um dos seus pilares a educação popular, a partir da perspectiva freiriana, no sentido de uma Educação não “para a comunidade”, mas “com a comunidade” e a partir das suas vidas, dos seus saberes e da sua cultura.

Adota igualmente os processos teórico-metodológicos da educação antirracista, a partir da produção de conhecimento de pessoas negras educadoras e pensadoras no Brasil, como Kabenguelê Munanga, Nilma Gomes, Petronilha Gonçalves, Bárbara Carine e outros, que difundem os seus princípios, como:

- afro-centralidade;
- metodologias ativas que promovem o protagonismo estudantil e a construção colaborativa do conhecimento;
- contextualização que considera identidades e saberes diversos;
- mediação de conflitos;
- cuidado com a comunidade e valorização da interculturalidade, que integra conhecimentos.

No Programa Educativo Sociocultural do Museu Guitinho da Xambá, a história será sempre vista a contrapelo que, como assinala o samba, é “a história que a história não conta. O avesso do mesmo lugar” (Mangueira, 2019). Olhar o passado do ponto de vista dos “vencidos da História”, na ação que Walter Benjamin chamou de “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 1987, p. 225) é uma opção política necessária para nadar contra a corrente e ter as suas próprias histórias como ferramentas para reinventar o futuro já dado ao povo negro brasileiro. O Programa ratifica o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi designa como o perigo de uma história única, em que só falar de uma história oficial, branca, rica e cristã, é necessariamente falar de poder, é permitir a desumanização do outro e impossibilitar o necessário exercício da alteridade.

4. Estrutura do programa

O Giras da Memória – Programa Educativo Sociocultural do Museu Guitinho da Xambá, de caráter permanente e mutável, desenvolve ciclos formativos que duram de 6 a 10 meses, divididos por Giras completas. Cada Gira completa é formada por diferentes Giras-atividades, divididas em cinco dimensões. Nada impede que as diferentes Giras-atividades interajam e criem novas possibilidades de Giras completas, com outros Ciclos Formativos.

Cada Ciclo tem seus temas definidos a partir dos objetivos da comunidade Xambá e do CAC Bongar. O primeiro Ciclo Formativo, que terá duração de 6 meses, será desenvolvido ao longo de 2026. Seu objetivo é proporcionar à comunidade da Xambá uma imersão nas

discussões contemporâneas sobre direitos culturais e direito à memória, políticas públicas de cultura de base comunitária e o papel das mulheres no campo das memórias coletivas, a exemplo de Mãe Biu e seu ministério feminino. Busca também amplificar o seu raio de atuação, enquanto espaço de ações afirmativas para a comunidade negra pernambucana, por meio das artes – com foco na música – e das memórias coletivas. Objetiva igualmente formar agentes das memórias xambazeiras, por meio de oficinas de capacitação para o trabalho técnico no campo da museologia, sobre conservação preventiva e preservação de acervos, plano museológico participativo e mediação cultural com acessibilidade. Porém, mais do que ensinar técnicas, o Programa objetiva que os/as profissionais formadores/as tenham um papel ainda mais importante a desempenhar nesses processos, que é o de promover a co-criação de conhecimentos, a partir da realidade dos envolvidos no Ciclo.

Como exemplo desse processo, o restaurador-conservador Eutrópio Bezerra, que irá mediar a oficina sobre conservação preventiva de acervos museológicos, definiu a oficina como um laboratório de estudos, na qual os participantes escolherão acervos para estudar. A partir dos seus próprios conhecimentos, dos aprendizados adquiridos e das condições materiais existentes, irão definir entre eles, como e por que aplicar ou adaptar a aplicação de determinadas técnicas de conservação e de acondicionamento desses acervos. A partir daí, mais do que ensinar técnicas, criam-se possibilidades de produção “dialógica” e de construção coletiva de conhecimentos, para além do estabelecido, como demanda Ogum, o orixá do jovem Guitinho da Xambá, inspirador do Programa. Seguindo os seus passos, o objetivo é estimular o pensamento crítico e a prática de novas possibilidades.

O Giras da Memória busca também ser um espaço de formação de museólogos e de profissionais do vasto campo dos museus e da museologia, que desejem aprender a trabalhar com os museus e os espaços culturais de base comunitária. Nesses espaços, o museólogo deve atuar como um trabalhador social na perspectiva freiriana, na qual, não apenas exerce a função social do seu trabalho, mas trabalha de forma consciente com o social, a fim de contribuir para o processo de mudança, e não recusa “a dimensão e o risco político, social, do seu trabalho” (Guarnieri, 2010, p. 153). O CAC Bongar deseja construir parcerias com esses trabalhadores sociais que, sobretudo, lutam contra o racismo, por melhores condições de vida e pelos direitos culturais do povo negro.

O Programa irá promover ainda o intercâmbio local e nacional com experiências diversas no campo da museologia social, seja por meio de palestras, oficinas e trocas de

experiências, seja por meio das aulas de campo e de caravanas culturais do Museu Guitinho da Xambá. A seguir, apresentamos a descrição das **Giras–atividades** a serem desenvolvidas, bem como os seus respectivos orixás regentes, todos cultuados no Terreiro Xambá:

Gira Palavras – Gira regida pelo Orixá Xangô, que representa a justiça, a palavra, o diálogo, assim como a consciência e a retidão. Na Gira Palavras, serão realizadas palestras e debates sobre diversos temas que coadunam com os objetivos do Programa. É um espaço para formadores, as lideranças comunitárias, griôs, mestres e mestras da cultura popular, gestores de museus e de espaços culturais comunitários, pesquisadores e técnicos com experiência e trabalhos com comunidades.

Gira Experiências – regida pelo Orixá Iansã, matriarca da Casa Xambá. É a senhora dos ventos e das tempestades. Orixá da força que movimenta a vida e a transforma. Representa a força de vontade, a coragem e a teimosia de seguir em frente, principais características das experiências participantes dessa Gira. Experiência é um processo contínuo de mudança e de transformação, que deve se dar para o bem viver da humanidade. É com este objetivo estratégico que esta Gira irá promover o diálogo entre diversos representantes de experiências de memórias coletivas e de espaços culturais comunitários para o conhecimento e o reconhecimento mútuo, por meio da partilha das suas vivências, dos seus desafios e problemas comuns, dos seus conhecimentos e saberes. Será também um espaço para a troca de ideias e de perspectivas.

Gira Mundo — o senhor dos caminhos comanda esta Gira. Ogum, orixá de Guitinho da Xambá, senhor dos metais, da tecnologia e do trabalho árduo, abre os caminhos para que os participantes do Programa, em suas aulas de campo e caravanas culturais, possam conhecer museus, espaços de memórias, laboratórios de conservação e arquivos, de base comunitária e oficiais. Girar o mundo dos museus, da museologia e do patrimônio, não para fazer “cópia” do instituído, dos modelos estabelecidos, mas para incentivar o pensamento crítico e fomentar a prática de novas possibilidades. São atividades-movimentos do Programa, que levam os seus participantes a ver, sentir e aprender uns com os outros, em seus territórios, espaços de memória e suas práticas culturais.

Gira Saberes: Gira regida por Orixalá, um dos orixás protagonistas na criação do mundo, cultuado no Terreiro Xambá. O velho sábio, o orixá fazedor de cabeças, Orixalá representa a paciência do caminhar rumo à sabedoria ancestral. No Programa, a Gira Saberes irá

proporcionar oficinas de formação técnica e minicursos de capacitação nas diversas áreas museológicas e linguagens artísticas. Terão como mediadores, técnicos e especialistas, as lideranças religiosas, griôs e Yabás do Terreiro, crianças do grupo musical Mixidinho, adolescentes e jovens da Orkestra Tambores da Xambá e membros do Grupo Bongar, além de mestres e mestras da cultura popular. O primeiro Ciclo Formativo do Programa está focado no processo de estruturação do Museu Guitinho da Xambá, com a formação de jovens e adultos da Xambá para o trabalho técnico com os acervos materiais e com o patrimônio cultural imaterial, além do atendimento ao público.

Gira Sustentabilidade — o senhor das matas que governa a natureza, também governa esta Gira. A sua flecha certa simboliza a sábia paciência do caçador, a inteligência estratégica, a astúcia e a capacidade de enxergar além do óbvio. Oxóssi providencia o sustento, mas exige a proteção da fauna e da flora, provedoras da fartura que gera mais vida no planeta. Por suas características, é um orixá que também propicia novas ideias e soluções, exatidão de objetivos, visão além do óbvio, inteligência e observação. É portanto um orixá que simboliza as habilidades da resiliência e da inovação. A Gira Sustentabilidade visa construir ideias e práticas socioambientais e tecnológicas com a comunidade Xambá e as comunidades circunvizinhas, em busca da sustentabilidade comunitária nas dimensões econômica, social, cultural e ambiental, como preconiza o Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade (MCCS) do Programa Ibermuseus, adotado pelo Museu. As ações a serem desenvolvidas, visam combater o racismo ambiental e contribuir para a valorização e incorporação dos conhecimentos das comunidades tradicionais no planejamento e na implementação de políticas culturais e sociais com equidade racial, nas quais, comunidades como a Xambá tenham acesso igualitário aos recursos ambientais e aos seus direitos culturais e socioambientais. A Gira Sustentabilidade irá promover ações culturais e socioambientais, envolvendo tradição musical e inovação cultural e tecnológica, como no Bongarbit: Laboratório de Tecnologias Digitais da Xambá, que une música, ancestralidade e tecnologia. Aliada a esse, fará uso da linguagem audiovisual na formação dos seus públicos, por meio do Cineclube Erê Sankofa, que valoriza o cinema pernambucano e, fundamentalmente, o cinema negro brasileiro.

5. MUSEU ILÊ LILAI IGNEZ MEJIGÃ (BA)

O museu territorial Ilê Lilai Ignez Mejigã, com sede no Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, em Itabuna, sul da Bahia, está em desenvolvimento desde o início de 2021, a partir dos recursos conquistados no Programa Pontos de Memória do Ibram–MinC 2023; no Edital da Lei Paulo Gustavo–MinC/FICC 2024 e no PNAB–MinC/Secult-BA 2024. Esses recursos fundamentais deram o ponta pé inicial para a institucionalização das memórias Ijexá no sul da Bahia, com a criação do Ilê Lilai Ignez Mejigã, um museu vivo territorial que atua para abranger os territórios Ijexá na região, junto às Casas-filhas do Terreiro Ilê Axé Ijexá.

Esse processo de criação do Museu desejou dar ‘oficialidade museológica’ a modos de pensar, de agir, de conceber o universo e a vida; e a ações culturais já dinamizadas pela comunidade, o que facilitou o processo, mas trouxe outros desafios. Se isso amplia e desloca, efetivamente, a noção de museu produzida pelo senso comum, a de ser meramente um lugar de exposição de objetos, também enfrenta a necessidade da tradução conceitual para os membros do Ilê Axé Ijexá do que efetivamente seja essa nova perspectiva. Identificamos nessa fase de criação, a natural dificuldade de entendimento pela comunidade de que aquilo que ela cotidianamente cria, gesta, fomenta e reconhece como bens fundamentais, são o cerne das ações museológicas.

Por isso, vale ressaltar dois movimentos desafiadores para o Ilê Lilai: um que dê conta da criação de um museu para si, a contribuir para que a comunidade como um todo possa efetivamente compreender a concepção de criação do Lilai, um museu territorial vivo, desatrelado da ideia de um espaço físico edificado, mas apoiado em três pilares conceituais fundamentais para as comunidades tradicionais de Terreiro – memória, educação e ecologia. Um outro movimento é o de fazer valer, junto com a comunidade, a noção de museu para o outro, aquilo que consolida o fazer da comunidade em interação com a sociedade que ela integra. Não à toa, a escolha do título da primeira exposição do Ilê Lilai será *O Alá Funfun sobre o Sul da Bahia*, cujos aspectos fundamentais marcam a existência da comunidade, sobretudo, ao fato de ser presidida por Oxalá, orixá que integra o grupo dos responsáveis pela criação no panteão africano, os orixás funfun. Orixá do branco e do silêncio, Oxalá é responsável pela instauração da paz. Está filiado ao elemento ar, representado pelo Alá, o grande manto branco sobre ele estendido que, simbolicamente, traduz o grandioso universo que paira sobre os humanos.

Com esses recursos materiais e espirituais, iniciou-se a estruturação do primeiro núcleo do museu vivo territorial Ilê Lailai Ignez Mejigã, na cinquentenária Casa Matriz do Ijexá na região, a partir de ações estruturadoras para o processo de conhecimento e reconhecimento das múltiplas histórias de vidas existentes no Ilê Axé, iniciado com os seus fundadores em vida e extensível aos demais integrantes da Casa. O projeto *Memórias de Fundação do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon*, criado e coordenado pelo Núcleo Ijexá no Museu da Pessoa, atua desde 2024 na coleta de histórias de vida da comunidade. Ele reconstrói territórios e trajetórias pessoais, reafirma pertencimentos e laços identitários e, ao mesmo tempo, contribui para a constituição da coleção principal do acervo do Ilê Lailai Ignez Mejigã: a memória Ijexá do sul da Bahia. Essas histórias são registradas em áudios, vídeos e fotografias pela equipe de audiovisual e de pesquisa do Ilê Lailai, em movimento de escuta sensível e com o registro dos mais-velhos do terreiro – babalorixá, yakekerê, egbomis, ogans e ekédes. As entrevistas serão publicadas no perfil do Núcleo Ijexá na plataforma do Museu da Pessoa, bem como no futuro *site* do Ilê Lailai.

Aliado a esse processo de registro de memórias, que é uma atividade permanente e estruturante, o Ilê Lailai produziu o documentário *Ôfú Ifaradá – O sopro da Resistência* sobre a comunidade religiosa do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon que, em 2025, completou 50 anos de existência e resistência, se alastrou pelo território e se desdobrou em Casas-filhas nos municípios de Itabuna, Ilhéus, Arataca e São José da Vitória. A realização do documentário tem sido um processo coletivo de aprendizado contínuo para toda a equipe do Ilê Lailai e para a própria comunidade, que está desacostumada de ver-se como protagonista de histórias contadas por um museu. O fato de estar sendo registrada por filhos de Santo, integrantes das Casas-filhas, facilita essa aproximação e estabelece a necessária reciprocidade de saberes, para dar-se a criação.

6. Marco conceitual

O Ilê Lailai Ignez Mejigã reconhece como patrimônio essencial à comunidade, não apenas os seus objetos ritualísticos e artefatos culturais, mas os próprios orixás, o humano e sua ancestralidade, e o meio ambiente (que inclui animais, plantas e os princípios fundamentais – a água, a terra, o fogo e o ar). Para o Ilê Lailai, um programa de educação museal em terreiros deve refletir e traduzir-se em investimentos no desenvolvimento humano das suas comunidades; na luta contra o preconceito racial e a intolerância religiosa; na defesa do meio

ambiente como extensão da espiritualidade e na aposta incessante nas memórias vivas do candomblé e no povo negro brasileiro.

Em seus processos educativos, o Ilê Lailai irá trabalhar com o eixo didático pedagógico da cosmogonia iorubá, assentada no provérbio banto que diz: «eu te vejo! Nós somos por que o outro é». Nesse contexto, a aprendizagem é vista como a construção de um sentido, de um significado baseado na experiência de cada um dos participantes. Os significados construídos dependem, portanto, de um conceito de ancestralidade e de respeito aos mais velhos e às experiências passadas. Para o Ilê Lailai, aprender é uma prática ativa, social e contextual, por isso, os seus processos educativos trazem subjacentes a noção de inclusão social e de compromisso com o ato de criar e recriar juntos; e da reflexão e da prática como instrumentos para “pronunciar o mundo” (Freire, 2013, Cap. 3, p. 4) e transformá-lo.

O Caracol dos Saberes aposta no engajamento para o aprendizado mútuo do saber agir, baseado numa relação horizontal de confiança, de esperança e de pensamento crítico, que rejeita o hoje normalizado e percebe a realidade como processo, em constante devir (Freire, 2013). Para o babalorixá Ajalá Deré, a ancestralidade deve ter papel central no Ilê Lailai, pois, sem ela, restará o vazio histórico, ou muito pior, alerta o Babá:

passamos procuração em branco para que os dominantes nos alijem da história. E quem não tem história fica sem lugar no mundo. E quem estiver no mundo sem ter um lugar que seja seu, vai ocupar o lugar que os mandões, os elitistas, os exclusivistas determinam sempre em estado *do para sempre*. E se é para sempre, não se trata mais de um estado, e sim, de um destino (Póvoas, 2019, comunicação pública).

7. Estrutura do Programa

O projeto educativo sociocultural do Ilê lailai Ignez Mejigã tem como objetivo estratégico envolver a comunidade Ijexá do sul da Bahia na busca por uma sustentabilidade institucional global, à luz do Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade (MCCS) do Programa Ibero-museus, tendo-o como referência para as suas ideias e práticas sociomuseológicas. O MCCS rompe com a escassa atenção dada às interrelações entre cultura e sustentabilidade e, por meio dos estudos produzidos em sua linha de ação Sustentabilidade das Instituições e Processos Museais Ibero-Americanos, defende a ideia que “agrega as dimensões econômica, social e ambiental tradicionais à perspectiva cultural, protagonizada por povos, comunidades, instituições, grupos e movimentos sociais que participam da formação da memória social ibero-

americana” (Ibermuseus, 2019, p. 56). O marco está alinhado às declarações da Carta Cultural Ibero-Americana e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável globais (Agenda 2030) da ONU.

Para buscar a sustentabilidade institucional global do Ilê Lailai Ignez Mejigã, com base nas dimensões definidas pelo MCCS/Ibermuseus, está em desenvolvimento o seu **Caracol de Saberes — Programa Educativo Sociocultural**. O caracol é um animal importante no candomblé, pois representa a paciência do caminhar em busca da sabedoria ancestral, e está associado a Oxalá, o orixá patrono do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon. O objetivo é, por meio de ações que envolvam as quatro dimensões que compõem a sustentabilidade institucional global do Ilê Lailai Ignez Mejigã – ambiental, cultural, econômica e social –, atrair o povo Ijexá do sul baiano para ações museológicas que propiciem a proteção e a promoção do vasto e rico patrimônio afro-brasileiro no território e que ativem a memória ancestral como auxiliar, como facilitadora nos combates necessários contra o preconceito, o racismo, a discriminação e em defesa do meio ambiente.

Dessa forma, o Ilê Lailai define como diretrizes do seu Caracol de Saberes, a formação da comunidade para o seu autorreconhecimento como guardiã da sua própria memória; a difusão para a sociedade em geral da relevância das práticas culturais do povo negro; e o investimento em ações educativas pautadas na ancestralidade, na religiosidade e na defesa da vida em todas as suas dimensões. O Programa está dividido em três eixos. São eles:

Igbadu — representa a dimensão sociocultural do Programa para alcançar a sustentabilidade institucional global do Ilê Lailai. Simbolizada pela cabaça da criação, cuja metade representa o Orún, o plano da existência divina; e a outra metade, o Aiyé, o plano da existência terrena, humana e não humana. Para o Ilê Lailai, o Igbadu é o elo entre a criação artística como expressão humana do divino e as raízes africanas e religiosas da Nação Ijexá, fincadas no sul da Bahia. Ao ativar e potencializar esses elementos, o Igbadu dará contribuição decisiva para a conquista da sustentabilidade institucional global do Ilê Lailai Ignez Mejigã, ao promover a união material-espiritual que ativa a ancestralidade e cujas expressões ritualísticas (danças, músicas, gastronomia, estética) fundamentam aquilo que convencionalmente chamamos de cultura. O seu objetivo principal é desenvolver ações que visam proteger e promover as manifestações culturais criadas pelos membros das comunidades Ijexá do sul da Bahia. Nessa primeira etapa do desenvolvimento do Programa, serão envolvidos os grupos culturais do Ilê Axé Ijexá Orixá

Olufon: Boi de Alabá, Afoxé da Oxum e o Grupo Afropercussivo Onilu Aguidavi. Esses grupos, com o apoio do Ilê Lailai, irão estruturar oficinas e apresentações para crianças, adolescentes e mulheres, com foco nas comunidades circunvizinhas ao Ilê Axé Ijexá e nas Casas-filhas Ijexá da região. As oficinas serão protagonizadas pelos componentes desses grupos, com o acompanhamento do setor educativo.

Oxé – representado pelo Odu Oxê (um dos odus mais importantes do jogo de búzios) relacionado ao orixá Oxum, simboliza a força para transformar a realidade e trazer a prosperidade, de forma a ativar a dimensão econômica da sustentabilidade institucional global do Ilê Lailai e contribuir para a sustentabilidade econômica dos membros da comunidade em condição de vulnerabilidade socioeconômica. Nessa primeira etapa do Oxé, será criada uma ação de formação continuada, especialmente voltada para as mulheres Ijexá do sul da Bahia. Elas terão como base a realização de oficinas de capacitação e de cuidados de si, que dialoguem com as referências sociais e culturais das mulheres envolvidas, com vivências e expedições culturais e atividades de formação a serem definidas pelas próprias participantes. O objetivo é criar e desenvolver produtos verdadeiramente sustentáveis, compatíveis com os próprios preceitos espirituais da comunidade, de respeito ao Àiyé, ao planeta Terra, para serem comercializados pelo Museu, nas visitas públicas e nos eventos, internos e externos do Ilê Lailai.

Toju ilê – em iorubá, quer dizer “cuidar da Terra” ou “preservar a Terra”, voltado à educação socioambiental pública, que impulsiona a dimensão ecológica da sustentabilidade museal. O Toju ilê vai além do cuidado físico da terra e envolve também a responsabilidade moral e espiritual de preservar o equilíbrio e a harmonia com a natureza. A lenda da criação do mundo iorubá enfatiza a importância da terra e a necessidade de cuidar dela para a continuidade da vida. As ações a serem desenvolvidas se darão com base nos conhecimentos produzidos pela ciência e tecnologia modernas, mas, sobretudo, estará intrinsecamente associada aos saberes das comunidades afrodescendentes, tornando o Ilê Lailai um espaço de memórias coletivas e de práticas ambientais sustentáveis ancestrais. A meta inicial desse eixo é a revitalização e estruturação do Ilê Igbó, a Floresta Sagrada do Ijexá diaspórico.

O principal elemento para a criação da reserva florestal já existe: um amplo território externo ao Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, com a vegetação ainda a ser restaurada, mas que ainda dispõe de cacaueiros, mangueiras, abacateiros, paus-brasil. Ele deverá passar por um processo de recuperação, com plantio de novas mudas de espécies nativas da região e de plantas e árvores oriundas do continente africano e que constituem material e simbolicamente a herança

ancestral dos homens e mulheres afrodescendentes que construíram o Ijexá, como o orobô, o obi abatá, o akokô e o peregun. Todas essas plantas são importantes e sagradas do culto aos orixás. Além do seu modo de ser natural, o Ilê Igbó também precisará ser dotado de uma infraestrutura receptiva para o público, para a qual serão necessários recursos financeiros para o cercamento com sebe viva, estacionamento, guarita com balcão de atendimento, trilhas de percursos, sinalizações, galpão para depósito, estufa, viveiro, sala multiuso. Também serão adquiridos equipamentos, material didático e recursos de pessoal e logísticos necessários para as suas atividades.

As ações citadas para a primeira etapa do Programa estão em processo de discussão junto à comunidade e devem acontecer no Ilê Axé Ijexá, mas poderão envolver os integrantes das suas Casas-filhas, seja como participantes das oficinas, seja como seus mediadores. Dessa mesma forma ocorreu com o coletivo audiovisual, liderado por Paulo Ferreira Alaramó, cineasta e filho de Santo do Ilê Axé Odé Aladé Ijexá, localizado na Boca da Mata, em Ilhéus, tendo como sua ialorixá, a atriz e multi-artista, Alba Cristina Soares ou Yá Darabi. Vale destacar que a realização das ações previstas no Programa enfrentam desafios, para além das questões epistemológicas aqui ressaltadas, e mobilizam outros de ordem mais material e de execução, comuns a qualquer experiência em comunidades tradicionais: o número limitado de pessoas envolvidas no processo e a falta de recursos financeiros. O Ilê Lailai enfrenta esses desafios, realizando algumas ações apoiadas por recursos de editais, porém, a continuidade deles depende de políticas culturais públicas estatais, que nem sempre beneficiam as memórias coletivas de base comunitária.

Conclusão – convergências e especificidades

Ao colocarmos os planos educativos dos Museus, podemos perceber que ambos expressam a busca por uma museologia enraizada na ancestralidade e comprometida com a luta social. As diferenças decorrem das suas trajetórias históricas e comunitárias:

- No Ilê Lailai, a ênfase está em consolidar o reconhecimento interno e externo do Museu, como guardião da memória do povo Ijexá no sul da Bahia, que aposta na espiritualidade e no meio ambiente como patrimônios centrais.
- No Museu Guitinho da Xambá, a proposta educativa parece mais estruturada em metodologias formais (palestras, oficinas, intercâmbios), porém seus processos metodológicos articulam tradição, inovação e tecnologia como forma de resistência.

Aos que ressaltarem a aparente formalidade metodológica do Giras da Memória, vale recordar a afirmação de Pierre Mayrand (1984), em relação aos novos museus que surgiam à época da então chamada Nova Museologia. Para ele, o principal a ser analisado nesses museus não era necessariamente o seu aspecto inovador, que, a meu ver são muitos, mas os valores que transmitiam e as práticas que adotavam. Para ele, o aspecto específico e fundamental desses museus é o fato de tornarem a memória coletiva o seu principal patrimônio.

Os dois Museus demonstram que a educação museal comunitária não é apenas transmissão de conhecimento, mas um processo de afirmação identitária, de combate ao racismo e de fortalecimento da vida coletiva. Os planos de educação museal do Ilê Lailai Ignez Mejigã e do Museu Guitinho da Xambá exemplificam o potencial transformador da museologia social brasileira. Suas bases conceituais reafirmam que museus comunitários são espaços de resistência e invenção, onde memória, ancestralidade e luta por direitos se fundem em práticas pedagógicas coletivas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, W. Walter Benjamin: obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. *In: Sobre o conceito da História*. V. 1, 3a ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.

DA SILVA, Cleyton J. **Coco de Mãe Biu, quando a memória faz a festa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) de Cleyton José da Silva (Guitinho da Xambá), apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** [recurso eletrônico, formato ePub] – 1a ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

IBERMUSEUS, Programa Ibermuseus. **Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade das Instituições e Processos Museais Ibero-americanos**. 2019. Disponível em: <https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/06/mccs-web-08-06-20.pdf> Acesso em: 24 nov. 2025.

Instituto Brasileiro de Museu (Ibram). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MANGUEIRA, G.R.E.S. Estação Primeira de. 2019. Disponível em: <https://mangueira.com.br/site/sambas-enredo/>

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**. Usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1996.

PINHEIRO, Bárbara C. S. **Como ser um educador antirracista**: para familiares e professores. 1a ed., São Paulo: Planeta, 2023.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Conferência proferida na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia** – UESB, Campus de Jequié, durante o XV Encontro de Combate à Discriminação Étnica e V Seminário do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, organizados pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas – ODEERE, em 22 a 24 de março de 2019.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. Comunicação pessoal (entrevista) concedida à museóloga Vania Brayner, no Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, em Itabuna, Bahia, na data de 22/10/2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Africanidades. Como valorizar as raízes afro nas propostas pedagógicas. **Revista do Professor**, n. 44, out./dez. 1995.